

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA
BÁSICA: um estudo de caso
envolvendo redes pública e
privada em Palmas – TO**

**VIOLENCE IN THE BASIC SCHOOL: a
case study involving public and private
networks in Palmas - TO**

**VIOLENCIA EN LA ESCUELA BÁSICA:
un estudio de caso involucrando redes
públicas y privadas en Palmas - TO**

Wesley da Silva Santos ¹

Patrícia Medina^{2, 3}

RESUMO

Este artigo trata de violência nas escolas, que é um fenômeno que há muito permeia a sociedade ocidental e tem sido alvo de várias discussões e pesquisas. Neste artigo foi elaborado um estudo comparativo de duas escolas de Ensino Fundamental no Estado do Tocantins: a Escola Municipal Estevão de Castro e o Colégio Batista de Palmas. Os sujeitos respondentes da pesquisa foram os funcionários destas instituições que foram consultados de modo a conformar os índices de violência registrados, e relacionar tipos, grupos envolvidos, locais de

¹ Graduado em Turismo e Hospitalidade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Professor de Pesquisa e Produção de Texto no Colégio Batista de Palmas. E-mail: wesley2s@hotmail.com.

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade Porto Alegre de Educação Ciências Humanas e Letras, graduação em Direito pela Fundação Universidade Federal do Tocantins, mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é docente do Mestrado em Prestação Jurisdicional em Direitos Humanos da Escola Superior da Magistratura Tocantinense em cooperação com a Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor adjunto IV da Fundação Universidade Federal do Tocantins. E-mail: patriciamedina@uft.edu.br.

³ Endereço para contato com o autor (por correio): SOCEB - Colégio Batista de Palmas. Quadra 704 Sul Alameda 13. CEP: 77022342 - Palmas, TO – Brasil.

maiores incidentes na escola e frequência com que ocorrem, assim como entender as relações dos índices com o ambiente de cada instituição, que foram contextualizadas a partir de tipo de educação oferecida, tipo de público atendido e localização. Foi constatado que embora existam muitas distinções entre as escolas os índices de violência em todos os sentidos abordados são muito semelhantes. Os principais resultados foram: que os grupos mais envolvidos em ambas as instituições são os alunos que entre si praticam os três principais tipos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Violência Escolar; Alunos; Professores; Incivildades.

ABSTRACT

This article deals with violence in schools, which is a phenomenon that has long permeated Western society and has been the subject of several discussions and research. In this monograph a comparative study of two elementary schools in the State of Tocantins was elaborated: The Municipal School Estevão de Castro and the Baptist College of Palmas. The respondents of the research were the employees of these institutions who were consulted in order to conform the registered violence rates, and to relate types, groups involved, locations of major incidents in the school and the frequency with which they occur, as well as to understand the relations of the indices with the environment of each institution, which were contextualized based on the type of education offered, type of public attended and location. It was found that although there are many distinctions between schools, the rates of violence in every sense addressed are very similar. The main results were: that the groups most involved in both institutions are the students who practice the three main types of violence among themselves.

KEYWORDS: Education; School Violence; Students; Teachers; Incivilities.

RESUMEN

Este artículo trata de la violencia en las escuelas, que es un fenómeno que ha

penetrado durante mucho tiempo en la sociedad occidental y ha sido objeto de varias discusiones e investigaciones. En esta monografía se elaboró un estudio comparativo de dos escuelas primarias en el estado de Tocantins: la Escuela Municipal Estevão de Castro y la Escuela Bautista de Palmas. Los encuestados fueron los empleados de estas instituciones que fueron consultados para conformar las tasas de violencia registradas, y para relacionar los tipos, los grupos involucrados, la ubicación de los principales incidentes en la escuela y la frecuencia con la que ocurren, así como a comprender las relaciones de los índices con el entorno de cada institución, que se contextualizaron en función del tipo de educación ofrecida, tipo de público atendido y ubicación. Se encontró que, aunque hay muchas distinciones entre las escuelas, las tasas de violencia en todos los sentidos son muy similares. Los principales resultados fueron: que los grupos más involucrados en ambas instituciones son los estudiantes que practican los tres principales tipos de violencia entre ellos.

PALABRAS CLAVE: Educación; Violencia Escolar; Estudiantes; Profesores; Incivilidad.

Recebido em: 19.05.2018. Aceito em: 12.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

INTRODUÇÃO

A violência no contexto escolar é uma questão que tem sido muito debatida por pesquisadores da área pedagógica e até órgãos e instituições que pesquisam questões relativas à sociedade e convivência, principalmente a partir de 2008 quando foram registrados, por instituições como sindicato de professores de São Paulo (Apeoesp), patrulha escolar de Teresina (PI) e pesquisas levantadas pelo Ministério da Educação (MEC), o aumento nos números de casos de violência em escolas nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil, em que os casos de incidentes, tais como: obscenidades, violência física (socos, chutes etc.), vandalismo e depredação dos patrimônios escolares como mobiliário e áreas comuns. Tais eventos têm ocorrido com maior frequência em várias escolas no país e sido amplamente divulgado pelas mídias sociais, neles são apresentados alunos que agredem professores e vice-versa assim como alunos que se agredem.

Os pesquisadores da educação em geral, há muito tempo têm discutido a violência na escola, os três pesquisadores mais tradicionais acerca do assunto são os sociólogos franceses: Eric Debarbieux, Bernard Charlot e Dubet, porém a temática ainda não está esgotada, pois novos índices e fatores são evidenciados com o passar dos anos em reação às transformações advindas dos desdobramentos tecnológicos e arranjos que todas as pessoas e instituições fazem para enfrentá-los.

Ao aprofundarmos à temática encontramos dados que comprovam que as práticas de indisciplina e violência nas escolas é resultado das incivildades na própria sociedade em contexto geral. Incivildade, segundo Charlot (2002, p. 437) "Não contradiz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano – e com frequência repetido – ao

direito de cada um (professor, funcionários, aluno)”.

Assim, todas as manifestações que ocorrem na escola também compõem a sociedade e conflitos que são travados em casa e trazidos à escola, por meio de provocações, intimidações, assédio moral entre outros exemplos de incivildades que geram índices exorbitantes de violência no ambiente escolar, na ordem de 12,7% por ano conforme dados registrados na pesquisa da UNESCO de 2003 a 2008.

Diante de tais circunstâncias, este estudo visou relacionar os fatores que norteiam esses índices de incivildades, e procurar determinar se questões envolvendo o ambiente, classe social, e tipo de serviço oferecido tem relação com os números de casos, ou influência na ocorrência destes eventos nos ambientes educacionais.

Este estudo comparado discute um tema de suma importância para a sociedade em geral e para quem pensa na educação escolar como um espaço sujeito ao aperfeiçoamento por parte dos profissionais que veem esse ambiente como formador de uma sociedade mais sadia em caráter e valores. A violência é uma preocupação humana e social. Historicamente o fenômeno tem sido estudado sob as mais diversas nuances.

Neste estudo, tratamos da relação entre indivíduos que convivem em um lugar – escola - que os está preparando para atuarem na sociedade como seres ativos e conscientes de seus direitos e deveres, que é uma preocupação primária para as pessoas que compõem esta sociedade.

Este estudo tem relevância para as instituições pesquisadas porque traz um levantamento dos índices de violência/incivildades existentes em cada uma das instituições, e cujo acesso aos resultados possibilitará atuarem de maneira a sanar ou diminuir esses índices, através de projetos e atividades com intenção educativa e civilizatória.

Como pesquisador e professor este trabalho tem relevância para a minha formação e carreira, como também responde a uma preocupação pessoal acerca do crescimento de casos de incivildades nas escolas, que refletem sobre a exercício da cidadania.

Para orientar a pesquisa foi elaborada a seguinte questão problema: Qual é o perfil da violência em escolas de ensino fundamental pública e privada na cidade de Palmas – TO?

Este artigo propôs investigar empiricamente o perfil de violência em escolas de ensino fundamental pública e privada na cidade de Palmas – TO por meio de estudo comparativo.

A violência na escola e suas características na contemporaneidade

Antes da violência escolar, a qual trataremos, o próprio conceito de violência é por si só de importância não só escolar, mas social. Acerca disso, Elis Priotto (2009) ressalta:

Considera-se bastante amplo o próprio conceito de violência, fenômeno esse presente em todas as sociedades. É um fenômeno inerente à vida humana que permeia historicamente a vida social e só pode ser explicado a partir de determinações culturais, políticas, econômicas e psicossociais, intrínsecas às sociedades humanas. (PRIOTTO, 2009, p. 162).

Então, duas questões que mesmo separadas são importantes campos para estudo e análise, a violência em si, um fenômeno social que se trata de incivildades provocadas de um indivíduo para outro e o ambiente escolar, que é uma extensão da própria sociedade com vários indivíduos convivendo e se relacionando por um período de tempo razoavelmente longo e dada as recomendações no sentido de escola em tempo integral tende a ampliar o tempo de convivência entre as pessoas. Mas para tratar de violência no espaço

escolar é necessário listar as ações que compreendem essa modalidade de violência e assim conceituá-la, ainda segundo Priotto:

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por e, entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos a escola) no ambiente escolar. (PRIOTTO, 2009, p. 2)

O que entendemos por violência escolar e o que caracteriza essa modalidade, como atitudes que tem relação não só com o professor e aluno, mas com todos os envolvidos de alguma forma com a escola, frequentadores periódicos ou diários, destacam-se também não somente a agressões físicas propriamente ditas, mas ofensas, discriminações, entre outras atitudes, que popularmente é caracterizado com o termo norte americano *bullying*, que entendemos como agressão moral, seja fisicamente ou através de palavras de ofensas e humilhações. Ainda acerca do termo utilizado, Abramovay e Rua (2003), delimitam que devemos:

Situar o fenômeno não em um sistema institucional, genericamente considerado, mas contemplar a especificidade espacial e temporal de cada uma das suas unidades. Assim, se é possível pensar em múltiplas manifestações que justificam falar de "violências" é também admissível supor que estas tenham lugar em estabelecimentos onde podem variar em intensidade, magnitude, permanência e gravidade. (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p 13).

O fator que delimita o termo é que os atos de violência acontecem no ambiente escolar, com isso encontramos questões a serem levantadas, por que a escola é uma instituição em que ao mesmo tempo se propõe o preparo e as condições de formação para que cidadãos consigam conviver em sociedade e recebendo educação regular, também é um lugar onde problemas e diferenças

entre indivíduos se acentuam, a escola está inserida na sociedade e reflete todos seus aspectos através dos indivíduos, como Priotto (2009) ressalta:

A educação é, um convite para a interação entre sujeitos (professor, aluno, direção, funcionários, comunidade, famílias), com uma dupla tarefa de ação: a primeira consiste em acolher o aluno e apresentar-lhe todas as possibilidades de aumentar seu conhecimento e a segunda seria sensibilizá-lo para multiplicar e ampliar esse conhecimento, usando toda a sua potencialidade e criatividade. (PRIOTTO, 2009, p. 3).

Como seria possível conciliar as questões de convivência e reflexo social da realidade dos indivíduos que convivem no mesmo espaço? A própria prática educativa que visa a interação dos sujeitos seria um caminho a traçar em direção à resolução, uma questão antiga que ainda tenta ser estabelecida pelos padrões de ética e moral é que não se pode tratar da violência com mais violência e as causas estão ligadas diretamente às abordagens escolhidas para lidar com a situação.

Assim, cabe também diferenciarmos violência escolar de indisciplina, que podem se confundirem como se tratasse da mesma coisa, Priotto (2012) é categórica quanto a essa diferença: "Indisciplina pode ser entendida como uma forma de manifestação contra a exigência ou quebra de regras ao adequar-se à sociedade (...)" (PRIOTTO, 2012, p. 125).

As incivildades e violência, não abordam a questão das regras e normas escolares exigidas ao se ingressar na instituição. Essa questão pode se enquadrar como violação de regras e acarretar em punições do âmbito escolar (advertências, suspensão etc.) trataremos então, das questões relacionadas aos tipos propostos, anteriormente, de violência. Já as incivildades podem ser conceituadas como:

[...] atitudes de desrespeito à pessoa humana, que por serem tão frequentes,

acabam banalizadas e aceitas como algo normal. São indelicadezas que desorganizam o ambiente escolar, causando a sensação de insegurança naqueles que as sofrem e de impunidade naqueles que as praticam. (COSTA, 2011, p. 3).

O ambiente escolar é um local propício às manifestações de identidades diferentes, pessoas de origens e ou práticas convivenciais familiares distintas interagindo, fatores como idade, gênero e funções sociais diferentes tornam essa realidade passível de fenômenos como a violência, se manifestar. Grande parte dos casos de violência entre os alunos, por exemplo, se inicia com brincadeiras, atribuições de apelidos, provocações que se tornam insuportáveis pelas vítimas que revidam. Segundo Costa (2011): "(...) os apelidos e as brincadeiras de mau gosto podem se encerrar neles mesmos, mas podem também terminar em agressões físicas ou em danos interiores profundos". (COSTA, 2011, p. 5).

Ou seja, o que em princípio constitui um gracejo, uma "brincadeira", com provocações e outras incivildades, pode se tornar a causa de problemas psicológicos, além de descambar para a própria agressão física. Os comportamentos sociais hostis infligem danos ou causam prejuízo a uma pessoa ou grupo, decorrendo daí a importância de se entender esse fenômeno no meio escolar como um gerador de pessoas com problemas de interação e convívio social, dificuldade de se integrar a grupos e participar, positivamente da sociedade. A maioria dos traumas que as pessoas carregam na vida adulta são resultados de uma infância problemática. Ao ignorarmos o crescente número de casos de *bullying* nas escolas palmenses, contribuímos para a banalização das práticas violentas entre os estudantes: "Precisamos estar atentos à banalização da violência nas escolas, para não naturalizarmos práticas de agressão ao outro, justificando-as como brincadeiras próprias a idade ou de certas classes sociais (...)" (COSTA, 2011, p. 5).

Nos últimos 10 anos tem havido um aumento considerável nos números

de casos de incivildades envolvendo alunos e professores, ou seja, houve nesse sentido uma “evolução” nos níveis de agressão, quando pensamos no processo que levou os alunos que antes praticavam agressão apenas entre si, partindo agora para a agressão ao professor e em alguns casos, a outros funcionários da escola. Este cenário também abarca os também casos de agressões verbais como xingamentos, ameaças, humilhações e culminam com as agressões físicas e o homicídio.

As causas geradoras são diversas, sendo que algumas práticas e atitudes podem agravar o problema, sobre isso Costa (2011) afirma que:

[...] o risco de violência aumenta quando o professor tenta dominar ou conter fisicamente um aluno desobediente, excluí-lo da sala de aula ou repreendê-lo e ainda, que tais situações podem causar estresse crônico, desânimo e ser um obstáculo para a melhoria do clima escolar. (COSTA, 2011, p. 8).

Com isso, um ciclo de incivildades e agressões é gerado em sala quando um aluno é indisciplinado ou violento é repreendido pelo professor fazendo com que o problema com o aluno se torne um constrangimento para o mesmo, e este por sua vez, acaba respondendo, orientando sua frustração ao professor em forma de mais violência (ou indisciplina). A dominação por parte do professor, a qual Costa se refere, seria através de tentativas de sujeição do aluno às regras e normas escolares, quando este, constantemente as transgrede.

Esta pesquisa, de natureza empírica cujos dados foram obtidos através de respondidos por funcionários⁴ das duas instituições escolares com vistas a constituir o perfil de violência escolar na cidade de Palmas – TO por meio de

⁴ Funcionário será usado neste texto como a pessoa física que presta serviços de natureza não eventual na unidade educacional pesquisada, sob a dependência de um contrato e mediante salário.

estudo comparativo em escolas de ensino fundamental pública e privada, para evidenciar as semelhanças e dessemelhanças das instituições acerca da violência escolar.

Para essa pesquisa foi utilizado o Estudo com a Metodologia Comparada, que segundo Carvalho (2014) é um rico instrumento analítico dos sistemas educativos, pois, auxiliando a identificar semelhanças e diferenças, amplia o campo de análise e de compreensão da realidade nacional em face de outros países, particularmente no campo das políticas públicas e da gestão da educação. O estudo comparativo fundamenta-se na análise de objetos de pesquisa a fim de relacioná-los a partir de suas semelhanças e/ou dessemelhanças.

O estudo comparativo estabelece os aspectos a serem analisados em cada uma das partes envolvidas e desenvolve a comparação visando encontrar aspectos semelhantes e dessemelhantes, a partir de então, o estudo pode ser finalizado, ou em alguns casos, prosseguir buscando causas, origens e possibilidades de intervenção, por isso, estabelecemos aqui o foco da pesquisa e os limites aos quais ela foi proposta.

Sabemos que existe um horizonte de possibilidades com a temática que abordamos neste trabalho, assim como correntes de estudo com seus respectivos posicionamentos sobre a questão da violência escolar, então o desenvolvimento partiu de investigação, análise e conclusões baseadas nos resultados da pesquisa num movimento de reação à pesquisa empírica aos moldes do que é preconizado pela Teoria Fundamentada nos Dados.⁵

⁵ A Grounded Theory. O pesquisador que trabalha com a metodologia Teoria Fundamentada nos Dados aproxima-se do assunto a ser investigado sem uma teoria a ser testada, mas, pelo contrário, com o desejo de entender uma determinada situação e como e porque seus participantes agem de determinada maneira, como e porque determinado fenômeno ou situação se desdobra deste ou daquele modo. Através de métodos variados de coletas de

Ao analisarmos essas duas instituições estabelecemos em princípio suas distinções em relação aos sistemas que estão inseridas, público e privado, o tipo de público que cada escola atende e a localização geográfica de cada uma delas.

A escola pública está localizada em uma área fora do plano diretor central da cidade, em um bairro periférico e a outra no plano diretor sul da capital.

Localização georreferenciada da Escola pública assim como os contextos em relação aos métodos de ensino e os objetivos institucionais, por se tratar de uma escola de ensino municipal e que se pressupõe ser de caráter laico e outra escola de caráter confessional, sendo uma instituição batista, tendo sua mantenedora na capital do país.

Foram abordadas questões referentes a quatro aspectos relacionados à violência nas escolas: Tipos de violências (Verbal, Física, Moral e Nenhuma), Grupos que se envolvem (Alunos com alunos, Professores com alunos, Funcionário com alunos, Professores com funcionários tendo também possibilidade de os respondentes citarem outro grupo que tenha se envolvido), Locais mais frequentes de ocorrência (Sala de aula, Pátio da escola, Quadra de esportes, Do lado de fora na rua e a possibilidade de os respondentes citarem outros locais com registro de ocorrência) e a frequência com que ocorrem (Raramente, Periodicamente, Frequentemente ou Sempre). Esses aspectos buscam cobrir as possibilidades de casos de violência registrados em escolas nos últimos dezessete anos, quando a cobertura midiática contou com a maior

dados, reúne-se um volume de informações sobre o fenômeno observado. Comparando-as, codificando-as, extraindo as regularidades, enfim, seguindo detalhados métodos de extração de sentido destas informações, o pesquisador termina então, nas suas CONCLUSÕES, com algumas teorias que EMERGIRAM desta análise rigorosa e sistemática, razão pela qual a metodologia intitula-se Teoria Fundamentada nos Dados ("grounded" = apoiada, fundamentada, sustentada (pelos dados). Fonte: < <http://seer4.fapa.com.br/index.php/arquivo/article/viewFile/549/215>>

quantidade de ocorrências de incivildades e atos de vandalismos em escolas públicas.

Com a quantidade de casos que foram crescendo em 2003 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência (UNESCO) publicou um estudo referente a essa temática, sendo conduzido por Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua, que analisaram esses aspectos referentes aos casos de incivildades e violência escolar até aquele ano, em quatorze estados brasileiros, a pesquisa que teve como público alvo, alunos, professores e pais é considerada referência para debates acerca de violência escolar e temas derivados e foi utilizada como parâmetro orientar para a modelagem desta pesquisa em Palmas.

Contexto do objeto de estudo

O eixo central de nossa deste estudo comparado foram os aspectos relacionados às modalidades de agressões existentes e trazidas por Abramovay e Rua (2003), que são: agressão simbólica ou moral trata-se de abuso através de imposições e palavras de humilhações ou desprezo pelo outro; agressão verbal trata-se do que chamamos de incivildades, pressões psicológicas, intimidações, xingamentos, *bullying* e grosserias; agressão física, trata-se de um indivíduo ou grupo que efetua ações contra a integridade física da vítima, através de socos, chutes empurrões entre outras. Propomos também a possibilidade de o respondente ter a opção: Nenhum tipo, caso seja esse seu parecer. Apesar da nomenclatura "agressão", entendemos que exista uma distinção entre violência e agressividade, como propõe Machado e Soares (2013) "É importante destacar que a agressividade difere da violência em si, pois essa característica biopsíquica mesmo podendo ocasionar situações violentas, pode ser apropriada e utilizada como autoproteção dos indivíduos." (MACHADO;

SOARES 2013, p.07).

Segundo o levantamento de Priotto (2006) trouxemos também exemplos de grupos que comumente estão envolvidos nessas incivildades: Alunos com Alunos, grupo que regularmente é tido como principal acerca da temática; Professores com Alunos, grupo que tem crescido casos de incidência, porém nos anos finais; Alunos com Funcionários da escola, grupo que também é visto como frequentemente envolvido em casos de desrespeito e incivildades; Funcionários com Professores, este grupo tem pequena parcela nos estudos produzidos, porém existem casos que nos levam a classificá-lo como emergente nesse contexto. Não trataremos nesse estudo dos grupos Pais/Professores e Pais/Alunos, entendendo estes como grupos que poderão futuramente gerar um estudo independente e aprofundado sobre essas relações, pois tem características muito específicas a serem abordados, embora, no instrumento de coleta de dados tenha sido inserido como possibilidade ao respondente marcar a opção: Outros grupos e escrever de quais se tratam.

Relativamente ao espaço físico, ou seja, o local na unidade educacional onde a violência pode se manifestar: dentro das salas de aula, local onde frequentemente ocorrem os casos relacionados aos dois primeiros grupos e visto como um dos ambientes de conflitos de todos os aspectos; pátio da escola, períodos como entrada, saída e intervalo levam a uma grande quantidade de pessoas interagirem nesse ambiente; quadra de esportes, aulas práticas e o próprio intervalo fazem com que vários alunos se reúnam nesse lugar, onde em meio a prática de esporte podem ocorrer incidências de conflitos; entrada/lado de fora, locais onde a vigilância por parte da escola é limitada ou ausente, podem ocorrer incidências de agressões, também nesta questão inserimos a possibilidade de o respondente marcar outros locais e delimitar quais seriam esses locais. locais semelhantes e outras opções foram

explorados por Abramovay (2003): “Os locais que os alunos preferem nas escolas são as cantinas ou lanchonetes, bibliotecas, centros de informática, ginásios de esportes, laboratórios e pavilhões de artes (os quatro últimos são menos frequentes nas escolas observadas).”

Por fim analisamos a frequência com que os casos ocorrem nas instituições raramente, casos que ocorram até uma vez a cada três meses; periodicamente, para casos que ocorram de três a cinco vezes a cada trimestre; frequentemente, para casos que ocorram de sete a dez vezes por trimestre; Sempre, para casos que ocorram mais do que dez vezes por trimestre.

A necessidade da sondagem referente a frequência dá-se principalmente porque, podemos ter uma ideia do crescimento ou diminuição dos casos o que nos permite especular as causas, seja impunidade ou situações adversas à escola, como relações familiares conturbadas, o que a partir de análises e estudo de caso podem ser determinados e, se conveniente, tentar uma intervenção. Uma vez que “Devido ao clima de intimidação na escola é frequente que professores/diretores e outros membros do corpo pedagógico expressem sentimento de insegurança.” (ABRAMOVAY, 2003, p. 51). Também podemos, através da percepção de quem acompanha o cotidiano da escola, inferir o quão comum são os casos e se o aumento ou diminuição tem relação com esse fator.

Inicialmente, visando à clareza e a possibilidade de utilizarem mais objetivamente, os dados coletados serão apresentados por unidade educacional. Na seção 4 os dados comparados.

Os dados acerca das histórias das unidades educacionais foram colhidos através de pesquisas junto à secretaria de cada instituição e às coordenações pedagógicas correspondentes, foram analisados registros e fichas descritivas com histórico de existência da instituição.

Os questionários contendo três questões fechadas, mas com a possibilidade, ao entrevistado de acrescentar novo dado, referentes aos tipos de violência, grupos que se envolvem e locais mais e uma fechada, referente à frequência com que ocorrem, foram aplicados diretamente pelo pesquisador.

Os dados foram inseridos em tabela excel e trabalhadas as frequências das respostas cujos resultados serão apresentados a seguir por escola.

Escola Estevão de Castro

Segundo o blog oficial da Escola Municipal Estevão Castro, este é seu histórico: está situada no endereço: APM 13, Rua 32 Esquina com a 33 S/N no bairro Jardim Aurenny III, sua autorização de funcionamento está na Resolução nº 018/97 de 17/09/97E-TO, telefone (63) 3218-5291 e-mail estevao.semed@palmas.to.gov.br, tem como gestora a Senhora Ludení Pereira Nunes de Souza. A escola oferece os cursos de Educação Infantil, (pré-escola ao 5º ano). Funciona nos turnos matutino, vespertino.

A Unidade de Ensino surgiu a partir das reivindicações dos moradores ao prefeito da época, Felelon Barbosa Sales. A prefeitura doou o material aos moradores, que construíram em regime de mutirão, um prédio provisório em madeirite, com duas salas de aula, uma sala para secretaria, uma cantina e sanitários masculino e feminino.

O 1º dia de aula ocorreu em 24 de junho de 1991, para atender a demanda de 277 alunos, funcionando em quatro turnos: matutino, intermediário, vespertino e noturno.

Em agosto do mesmo ano, a prefeitura construiu mais quatro salas de aula, sendo duas para o administrativo. Até abril de 1992, as aulas do turno noturno funcionavam com iluminação de lampiões, pois não havia energia elétrica e a água usada era de cisterna.

Ainda em 1992, na gestão de Fenelon Barbosa Sales foi iniciada a construção do prédio definitivo, com dois pavilhões, contendo seis salas de aula, dois banheiros, sala para professores, secretaria e uma cantina com depósito. Essa construção foi concluída em 1993, já na gestão do ex-prefeito Eduardo Siqueira Campos, que ampliou o projeto e construiu a quadra poliesportiva.

Na gestão do prefeito Odir Rocha foram construídas três salas de aula, e na gestão da prefeita Nilmar Gavino Ruiz, foi construído mais um pavilhão com cinco salas de aula e uma sala para biblioteca, dois banheiros, uma cantina com depósito, cobertura do pavilhão/terceiro bloco, além de ganhar novas cores com a reforma, tornando-a mais alegre.

Inicialmente a escola contava com ensino Infantil, Fundamental e Médio, após o ano de 2008 a prefeitura estabeleceu ensino Infantil e Fundamental até o quinto ano, a direção e equipe pedagógica tem variado constantemente desde então, atualmente na gestão do prefeito Carlos Amastha a escola está em reforma e ampliação das áreas e salas de aula, funcionando em um bloco recém construído próximo a área de reforma.

Colégio Batista de Palmas

Segundo o site oficial do colégio Batista⁶ de Palmas, a instituição foi fundada em setembro de 1997, pela missionária e professora bacharel em Educação Religiosa, Margarida Lemos Gonçalves.

O Colégio Batista de Palmas está localizado na Quadra 704 Sul Alameda 14 Lotes 01 a 10 - Centro. Palmas – TO. É uma instituição particular de ensino confessional, mantida pela Associação Cultural Evangélica de Brasília (SOCEB).

⁶ Informações fornecidas pela própria instituição, como a escola se caracteriza no contexto educacional

Fruto do idealismo de um pequeno grupo de crentes, servos do Senhor Jesus Cristo, que viam, e ainda, veem na formação secular dos jovens, uma das mais bem-sucedidas receitas para transmitir às novas gerações o que há de melhor no conceito de viver uma existência fundamentada na fé, nos valores eternos emanados do livro dos livros, a Bíblia Sagrada.

Prezando pelo ensino dos bons costumes, da ciência do bem e dos exemplos dignos de serem seguidos, pois inseridos numa sociedade moderna carente de escolas que tenham como lema: "educação cristã por excelência". No ensino, valorizamos a utilização da tecnologia de ponta, e enfatizamos a formação do "Caráter em Primeiro Lugar".

A instituição conta com 13 salas de aulas, três coordenações pedagógicas de ensino infantil, fundamental I (1º a 5º ano) e fundamental II (6º ao 9º ano), quatro banheiros para alunos, uma quadra poliesportiva, duas piscinas e uma central de matrículas a parte do prédio da instituição. Atualmente a instituição atende cerca de quinhentos e vinte alunos matriculados.

Análise comparativa entre as duas instituições

As duas instituições pesquisadas, são claramente dessemelhantes entre si, pois uma é instituição pública do segmento municipal, portanto de educação laica, localizada em uma região periférica do grande centro da capital e que atende crianças, em sua maioria, de famílias pertencentes à classe mais carente da população.

Por outro lado, a segunda instituição de ensino privado e confessional, localizada no plano diretor sul, em uma região próxima ao centro da capital, atendendo às famílias em sua maioria pertencentes a classe média, possuindo duas piscinas (uma infantil e outra para crianças maiores) para atividades de

educação física

Ambos têm em comum o fato de possuírem um pátio, áreas comuns de alimentação, lazer e ócio e quadras poliesportivas cobertas.

Para esse estudo utilizaremos o quadro comparativo com os dados encontrados, de forma a permitirem uma percepção das semelhanças e dessemelhanças. Propomos, então, a análise comparativa entre as escolas, sistematizadas no quadro a seguir:

Figura 9: Quadro comparativo-resumo do estudo sobre violência a partir da percepção do pessoal técnico de administrativo de duas escolas na cidade de Palmas – TO, 2017

INSTITUIÇÕES			
Colégio Batista de Palmas		Escola Municipal Estevão Castro	
Formas	Quant. %	Formas	Quant. %
Agressão Verbal	45	Agressão Verbal	41
Agressão Física	35	Agressão Física	21
Agressão Moral	12	Agressão Moral	21
Nenhuma	8	Nenhuma	17
Grupos	Quant. %	Grupos	Quant. %
Alunos x Alunos	92	Alunos x Alunos	83
Professores x Alunos	4	Professores x Alunos	0
Alunos x Funcionários	4	Alunos x Funcionários	9
Funcionários x Professores	0	Funcionários x Professores	8
Outros	0	Outros	0
Locais	Quant. %	Locais	Quant. %
Sala de aula	20	Sala de aula	36

Pátio da escola	60	Pátio da escola	43
Quadra de esportes	17	Quadra de esportes	14
Na rua (lado de fora)	3	Na rua (lado de fora)	7
Outros	0	Outros	0
Frequência	Quant. %	Frequência	Quant. %
Raramente	44	Raramente	42
Periodicamente	22	Periodicamente	25
Frequentemente	30	Frequentemente	8
Sempre	4	Sempre	25

Fonte: Santos, Wesley. Pesquisa Violência Escola de Educação Básica de Palmas, 2017.

Acerca dos tipos de violência

Há equilíbrio na questão dos tipos de violência mais vistos nas duas instituições. A agressão verbal de ambas se apresentando a mais presente com pouco mais de quarenta por cento. A agressão física é percentualmente maior porcentagem na instituição pública, porém com pouca diferença. Esse tipo de agressão é comumente o mais associado a grupo de alunos, que procuram um meio efetivo de se impor através do comprometimento da integridade física do outro, considerado também o tipo de agressão mais associado às exposições aos conteúdos de mídias, como televisão e internet, como afirma SANTOS (2016):

As grosserias, as violências físicas e verbais são observadas constantemente no cotidiano, na mídia, na imprensa e na internet. E a criança/adolescente/jovem mediante a isso tudo segue o exemplo daquilo que vê ou vivencia e repete a essas atitudes nas suas relações. (SANTOS, p. 11, 2016).

Então tratando-se do respeito e da preservação da integridade física no ambiente escolar, as duas instituições encontram-se em condições de intervenções que visem a conscientização quanto a essas questões, os casos podem mostrar causas das mais diversas e corriqueiras da escola, como sustenta Abramovay (2015):

Na maior parte das vezes, ela ocorre como meio de resolução de conflitos de diversas naturezas, desde brigas originadas em brincadeiras inicialmente inofensivas até aquelas geradas pela disputa de relações afetivas, passando pelo exibicionismo característico da juventude que, em nossa sociedade, pode-se expressar pelo uso da força, como: pancadaria; 'corredor polonês'; murros e enforcamento, entre outras. (ABRAMOVAY, 2015, p. 15)

Quanto a agressão moral, também conhecida como provocações e *bullying*, a instituição privada mostra um índice dobrado em relação a pública, em relação aos respondentes que dizem não ter presenciado quaisquer destes tipos de violência, acontece o mesmo, com o dobro do percentual em relação à instituição pública.

Acerca dos grupos envolvidos

Em ambas instituições o grupo de Alunos com Alunos são os principais envolvidos nos casos de violência. Confirmando o que a literatura afirma sobre os conflitos nos anos iniciais serem delimitados pelos limites da autoridade e hierarquia em sala de aula e na escola como um todo, contudo, ainda que o grupo de alunos seja, por muitas vezes, o que mais aparece como o principal envolvido em casos de violência nas escolas, não descartamos os demais grupos, que mesmo com pequeno percentual existente, merece atenção como ressalta Abramovay (2015):

Quando se fala sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço

escolar, fala-se, principalmente, nas brigas aluno-aluno, entretanto, não se pode esquecer que os membros do corpo técnico-pedagógico dos estabelecimentos de ensino também são potenciais vítimas e agressores (ABRAMOVAY, 2015, p. 09).

Temos aqui então duas questões que norteiam as possíveis causas dos conflitos entre esses grupos: respeito e paciência para com o outro, as duas questões, como exposta anteriormente, acabam causando maior atrito entre os alunos, ainda que consigam manter o respeito e certa paciência com os professores e os demais funcionários da escola, entre os colegas a realidade é outra, Abramovay provoca: "O fato de os alunos dizerem que não gostam da maioria dos seus colegas leva a um questionamento da ideia de que a escola é um espaço de convívio social prazeroso entre jovens." (ABRAMOVAY, 2010, p. 34).

Essa fala da pesquisadora sugere que existe uma romantização do que seria de fato a escola, já que o ambiente escolar é local de interação entre diferentes sujeitos com diferentes realidades, a chance de conflitos ocorrerem, portanto é a mesma do que em qualquer outro espaço com as mesmas características, que não tenha a missão de promover educação. Grupos de diferentes tipos de pessoas são formados em meio a essa pequena parte da sociedade chamada escola. A ideia questionada pela autora, seria a aplicação no contexto geral da escola, possivelmente os pequenos grupos que se formam no ambiente escolar consigam ter esse "convívio social prazeroso", mas em um contexto geral, o clima ainda seria de conflito ou desentendimentos. "Essa ausência de empatia e solidariedade entre os estudantes acaba se estendendo a outras relações (entre professores e alunos, por exemplo). Com isso, formam-se grupos fechados, chamados *panelinhas*, que impedem a aproximação de outros colegas." (ABRAMOVAY, 2003, p. 37).

Então, ainda que haja a interação entre alunos, professores e os demais

funcionários, não se aplica em sentido generalizado, mas, em pequenos grupos que se formam e como em qualquer grupo social, a relação só pode ser estabelecida a princípio com pessoas que atendam aos perfis estabelecidos por grupo e os indivíduos que não atendem a esses perfis é excluído ou sofre represaria dos demais grupos. Cabe aqui, salientar a fala de um professor respondente, acerca de um caso específico que lhe aconteceu ao fim de um período de aula:

O pai de um dos meus alunos certa vez, veio me ameaçar por causa da dificuldade de seu filho quanto a escrita e suas notas que estavam abaixo da média, por muito pouco ele conseguiria cumprir a ameaça quando eu passava pelo portão de saída, felizmente meus colegas apartaram o homem alterado. (PROFESSOR 2).

Esse caso específico já traria à tona novas possibilidades de estudos e pesquisa acerca do relacionamento entre os responsáveis pelos alunos e os professores. Ainda que esse grupo não estivesse entre os propostos nesta pesquisa, deixamos em aberto a possibilidade de o respondente citar outros, sendo esse o caso à parte que surgiu durante a pesquisa. Não podemos também deixar de salientar os quatro por cento citados na instituição pública, sinalizando o grupo: Professores e Alunos como existentes nesse histórico de casos, ou seja, se existe um limite nos anos iniciais acerca do respeito ao professor, ele começa a ser ultrapassado quando um aluno se volta contra o professor de maneira violenta e também salientamos os casos em que o professor também “ultrapassa a linha” e utiliza de alguma forma, da violência como resposta a atitudes do aluno: “No que se refere ao corpo discente, este também é considerado vítima das inúmeras violências que sofrem, pois se encontra em um ambiente em que não há subsídios necessários ao seu atendimento como um todo, e formação, em particular.” (SOUZA, 2008, p. 130).

Aqui Souza enfatiza a questão do atendimento ao professor que sofre de alguma forma com a violência no ambiente escolar, seja por parte dos alunos, colegas de trabalho ou mesmo de algum responsável pelo aluno. A quem o discente recorreria neste caso? Que tipo de resguardo por parte da instituição o professor teria? Questões como essas, afligem vários professores, seja de escolas públicas ou privadas. No caso de violência do professor podemos citar o comentário pejorativo, que apesar de se tratar de uma violência simbólica, pode ter efeitos extremamente negativos, principalmente à formação do aluno e em relação dele (o aluno) com o restante da turma, Marilena (2011) pontua que: “Esse tipo de comentário, de modo geral, coloca o aluno criticado numa situação humilhante e ridícula perante seus colegas e perante a observadora, causando certo constrangimento ao aluno.” (RISTUM; 2011, p. 86)

Quando o professor, por qualquer motivo, recorre a essa atitude para com o aluno, pode acabar fazendo o caminho inverso ao que ele espera acerca do comportamento do aluno, provocando assim uma retaliação com mais incivildades, por parte do estudante.

Acerca dos locais com maior ocorrência

Ao compararmos os locais onde ocorrem os atos de violência encontramos as próprias salas de aula com grande porcentagem nas duas instituições, sendo 36% na Escola Municipal Estevão Castro e 20% no Colégio Batista de Palmas, porém não tantas como no pátio da escola, que tem 43% e 60% respectivamente, tendo ligação direta com intervalos e os momentos de entrada e saída da escola. Apesar de nas duas instituições as porcentagens se diferenciarem com maior atenção à instituição pública, o local permanece o mesmo: o pátio, como já havia constatado Fukui dizendo serem os locais mais frequentes: “dentro da escola (pátio, quadra, salas de aula); portão de entrada

da escola; na via pública em frente à escola". (FUKUI, 1991, p. 68-76).

O fato de isso acontecer, confirma-se os grupos envolvidos, já que no pátio das escolas é o local de maior influência mútua e sem controle direto de um adulto, entre os alunos em momentos lúdicos ou ociosos.

A supervisão ineficiente dos funcionários aos conflitos que ocorrem no pátio é fator determinante para que esse seja o local apontado como o mais frequente, ainda que exista o cuidado de observar a interação entre os alunos em tempo livre e de ócio, por vezes ocorreram casos de conflitos e desentendimentos, o qual é encaminhado ao serviço de orientação educacional para que se tomem as medidas necessárias, que estão entre: advertência verbal ou escrita, acompanhada de um diálogo direcionado a sanar o problema, em casos mais graves, acionar os responsáveis pelo aluno e até comunicar ao conselho tutelar, para casos de negligência ou indiferença por parte dos responsáveis.

Não trouxemos aqui a questão da depredação do patrimônio como atos de incivildades (e vandalismo), mas poderíamos facilmente aplicar a questão do aluno em períodos de ócio ou entre períodos de aula (entrada, intervalo e saída), em que nem todos os alunos podem ser assistidos o tempo todo. Essa questão já levantou muita discussão, principalmente acerca de monitoramento eletrônico, privacidade violada e outras questões de cunho ético, onde recursos considerados por muitos como extremos são propostos como solução a esses tipos de violência em ambientes fora da sala de aula.

Acerca da frequência com que ocorrem

A frequência aqui proposta para estudo, seria aquela que é perceptível com o passar do tempo, estimativas feita pelo serviço de orientação

educacional sobre casos de ocorrência podem trazer um resultado mais especificado sobre os registros oficiais da escola, porém existem casos que apesar de serem presenciados por algum funcionário da escola, não chega ao orientador, seja por omissão de quem presencia ou por qualquer outro motivo, a percepção de quem presencia a ação pode ser distorcida e a interpretação se transforma em uma “brincadeira” entre os alunos, Segundo Abramovay e Rua (2003) a respeito disso:

Muitas vezes, as brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não consequências mais graves. Entretanto, verifica-se que há brincadeiras cuja própria natureza envolve a violência que começam na brincadeira e acabam na pancadaria. (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 51).

Considerando que até então esta análise tem mostrado semelhanças entre as duas instituições, poderíamos supor que não seria diferente quanto a questão da frequência com que ocorrem que novamente se apresentam em concordância como sendo: Raramente. Em contrapartida, a instituição privada ao analisamos a alternativa: sempre, se mostra com vinte e cinco por cento, contra apenas quatro da instituição pública, ou seja, ainda existe uma parcela significativa de funcionários que percebem a ocorrência com mais frequência. Estudos semelhantes a este chegaram a resultados igualmente semelhantes, como os estudos conduzidos por Priotto em 2006 e 2012:

“Concluiu-se que o tipo de violência gerado na escola pública e particular tem as mesmas características em ambas, porém os professores da escola pública e da escola particular têm concepções diferentes a respeito do papel da escola em relação ao quadro geral de violência e de como lidar com os alunos adolescentes.” (PRIOTTO, 2012, p. 124)

A questão então, a se pensar em relação a esse estudo comparativo é

que existem diferenças claras em relação a estrutura organizacional e física entre as instituições, concepções e abordagens de serviço, porém os dados levantados apontam para um mesmo resultado: nenhum dos fatores abordados pode ser apontado como definitivo causador dos índices de violência em cada instituição já que apesar de suas diferenças, seus resultados são praticamente os mesmos. Podemos pensar no papel da família e da sociedade na constituição de indivíduos adeptos de atos de incivildades, entendendo que "(...) a violência externa à escola, seja comunitária ou familiar, também é percebida como um dos fatores que interfere na rotina escolar." (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017, p. 108).

Para além dos muros da escola, entendemos que existem vários fatores adversos que geram conflitos e pessoas adeptas da violência como resposta aos diferentes posicionamentos sobre si e sobre a própria sociedade.

Considerações finais

A pesquisa visou traçar o perfil da violência em escola de ensino fundamental pública e privada na cidade de Palmas -TO, concluindo com êxito a proposta. Estabelecemos as características distintas de cada uma das duas instituições e concluímos que embora tenham essas distinções, seus perfis em casos de violência se assemelham de maneira notável.

Foram pesquisadas a Escola Municipal Estevão Castro, uma instituição do segmento público, laica, localizada na periferia da capital Palmas, atende em grande parte, a população carente da cidade, infraestrutura em manutenção e espaço interno razoável, com quadra poliesportiva coberta e o Colégio Batista de Palmas, instituição do setor privado, escola confessional evangélica, que fornece além da educação regular ensino baseados na fé cristã, localizada no plano diretor sul da capital, atende alunos vindos de família de classe média,

infraestrutura distribuída em blocos e pátios externos, com quadra poliesportiva coberta, e piscinas para aulas de natação. Instituições que se distinguem em vários aspectos relacionados a condições ambientais, localização geográfica, infraestrutura, tipo de educação fornecida e famílias atendidas.

Os tipos de violência que tiveram mais visibilidade em ambas as instituições foram: agressão verbal e física, que vão desde xingamentos, palavreado impróprio e provocações a pontapés, empurros e socos. Percebemos que a violência escolar, na percepção dos profissionais do serviço de orientação educacional, se apresenta como um fenômeno próprio da sociedade e inerente a vida humana, como os estudos citados neste trabalho também apontavam.

Acerca das dessemelhanças do fenômeno violência em relação à natureza pública ou privada das duas instituições, os respondentes ressaltam que independente da natureza da instituição, a presença de casos de violência escolar, surgem, pois, o ambiente atende pessoas distintas que tentam conviver com suas diferenças e o conflito de ideias, muitas vezes, é inevitável. Entretanto podemos com este estudo apontar que a questão de casos de violência entre o grupo de alunos se mostra com maior percentual na instituição do setor privado.

O resultado da coleta de dados desse estudo mostrou-se semelhante a estudos elaborados por Priotto nos anos de 2006 e 2012, que pesquisou também escolas dos setores público e privado utilizando o método comparativo. Porém até então, não encontramos estudos semelhantes acerca da temática, produzido em Palmas-TO.

Buscou igualmente investigar uma possível origem e causas dos altos índices de violência existentes nas escolas da sociedade ocidental, através de um estudo comparado entre duas escolas distintas da cidade de Palmas-TO,

buscamos estabelecer quais são os tipos de violência, os grupos que comumente se envolvem nessas incivildades, os locais nas escolas que mais ocorrem casos, a frequência e determinar as possíveis causas.

Encontramos então, um resultado intrigante: apesar de haver significativos traços de distinções entre as escolas pesquisadas, que envolvem os projetos pedagógicos, orientações filosóficas de padrões estabelecidos para oferecer educação, os índices e relações acerca da violência são notavelmente semelhantes e se diferenciando em aspectos muito pequenos ou pouco relevantes.

Os aspectos abordados neste estudo foram os mesmos já consolidados pela literatura e por isso comumente relacionado às causas dos atos de incivildades, conflitos e desentendimentos que ocorrem no ambiente escolar, neste caso, especificamente, não foram determinantes para motivar a pesquisa, mas a metodologia do estudo comparado.

Um estudo singular entre duas escolas em uma mesma cidade que explicita a percepção dos adultos, profissionais responsáveis técnicos pela concretização dos projetos educacionais relativamente a estes aspectos nas unidades educacionais onde atuam.

A partir de nossos resultados podemos propor novos estudos e abordagens para compreender a existência de outros fatores e causas que implicam na violência nas escolas, pois, percebemos através desse estudo, que para além da estrutura, localização, posição social das famílias e tipo de sistema educacional, existem outros fatores que possivelmente explicam as causas e origens dos casos de violência, como aqueles relacionados à convivência familiar por exemplo, que nos estimula a continuar a investigação e a elaborar novos estudos.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. UNESCO, 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf> . Acesso em: 10 de Outubro de 2017.

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas: o bê-a-bá da intolerância e discriminação**. UNICEF, 2010. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas: violência nas escolas**. FLASCO, 2015. Disponível em: <http://flasco.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas.pdf>. Acesso em: 11 de Novembro de 2017.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. **Estudos comparados em educação: novos enfoques teóricos metodológicos**. UEM, Maringá, v. 36, n 1, p. 129-141, Jan, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/19012>. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

COSTA, Polyana Andressa da Silva. **Manifestações de violência no cotidiano escolar**. PUCPR, Paraná, Nov, 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6206_3586.pdf. Acesso em: 25 de agosto de 2013.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **INTERFACE**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

FUKUI Lia. Estudo de caso de segurança nas escolas públicas estaduais de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**. Nº. 79, p.68-76. Nov. 1991. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1019/1027>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola**

pública. *Psicologia Escolar e Educacional*: UFRGS, Porto Alegre, jan/abr 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n1/2175-3539-pee-21-01-00103.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2017.

MACHADO, Laêda Bezerra; SOARES, Michelle Beltrão. **Violência contra o professor**: sentidos compartilhados e práticas docentes frente ao fenômeno. ANPed, set a out, 2013, Goiás. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt20_3139_texto.pdf. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

PRIOTTO, Elis Palma. **Características da violência escolar envolvendo adolescentes**. PUCPR, Paraná, 2006. Disponível em: <http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-002-TC.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

PRIOTTO, Elis Palma. Violência escolar: um problema social, real e emergente. **Revista Tempo da Ciência**, volume 19, número 38, 2º semestre, Paraná, 2012. Disponível em: www.e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/9692/7097. Acesso em: 09 de novembro de 2017.

PRIOTTO, Elis Palma. **Práticas educativas de prevenção da violência escolar**. UNIOESTE, Paraná, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2113_1020.pdf. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

PRIOTTO, Elis Palma. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista diálogo educacional**, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/3616>. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

SOUZA, Miriam Rodrigues de. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, Ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia – 2008. Disponível em: <http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%84NCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS.pdf>. Acesso em: 14 de Novembro de 2017.



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p794>

RISTUM, Marilena. **Impacto da violência nas escolas: um diálogo com professores.** SECADI, Fiocruz, 2011. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/1449253008609.pdf>. Acesso em: 14 de Novembro de 2017.

SANTOS, Helen. **A violência presente nas relações entre alunos e Professores no contexto escolar: um estudo bibliográfico.** UNISUL. Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2017.